

AS CIDADES “ILEGÍVEIS” E A LEITURA DOS POETAS CONTEMPORÂNEOS

Aleilton Fonseca*

RESUMO — *As metrópoles contemporâneas se confundem com a imagem mítica de Babel. Diante da cidade em constante movimentação, os acenos da poesia não viriam mais da recordação e do apelo anímico pessoal, mas dos ruídos da rua, como matéria viva captada sobretudo pelo olhar. Este artigo aborda aspectos dessa questão, demonstrando como a cidade “ilegível” é o grande desafio para o poeta contemporâneo, que, paradoxalmente, tenta traduzir e reinscrever sua condição lírica através de palavras e imagens urbanas.*

PALAVRAS-CHAVE: *Cidade. Poesia. Urbano.*

A poesia moderna nasceu na cidade, quando Charles Baudelaire se deparou com a vertiginosa transformação de Paris, a partir de meados do século XIX, e tomou consciência de que o cenário urbano era a razão e o *locus* principais de um novo discurso lírico. (BRADBURY, 1989, p. 275.). Nesse contexto, que ele denominou de modernidade, o desafio era então encarar a cidade como tema e assunto, e decifrar suas entranhas, na qual os seres submergem à lógica da vida organizada em função da produção de bens materiais, do trabalho, do mercado e do consumo. Diante da urbe em constante movimentação, os acenos da poesia não viriam mais da recordação e do apelo anímico pessoal, mas sim dos ruídos da rua, como matéria viva captada sobretudo pelo olhar. Em consonância com Edgar Allan Poe, que visualizou o homem das multidões, anônimo e invisível, imerso e camuflado nas vias urbanas, Baudelaire comenta, em carta ao poeta Arsène Houssaye, o

* Prof. Pleno (DLA/UEFS). E-mail: aleilton@terra.com.br
Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Letras e Artes. Tel./Fax (75) 3224-8265 - Av. Transnordestina, S/N - Novo Horizonte - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900. E-mail: let@uefs.br

surgimento de: “uma poesia poética, musical, sem ritmo e sem rima, bastante maleável e variada para adaptar-se aos movimentos líricos da alma, às ondulações da fantasia, aos sobresaltos da consciência”. Adiante o poeta francês explica: “É sobretudo da freqüentação das cidades enormes, do cruzamento de suas inumeráveis relações, que nasce a obsessão desse ideal.” (BAUDELAIRE, s.d., p. 10).

No início do século XX, logo após a I Guerra Mundial, o poeta anglo-americano T.S. Eliot percebe a modernidade como queda e perda de essência. Eliot assume uma atitude de distanciamento, condena o mundo presente e volta-se para as fontes das tradições, recusando as massas, que considera “multidões urbanas irredimidas, das quais ele dispõe como espécimes de degenerescência e esterilidade” (BRADBURY, 1989, p. 275.). O pessimismo de T.S. Eliot está presente de forma enfática em **The waste land** (1922) e **The hollow men** (1925), longos poemas nos quais o mundo da modernidade é visto como cenário de uma “terra arrasada”, habitada por “homens ocos”. (Eliot, 1981) considera o mundo moderno um *locus* de perdas irreparáveis, em que somente sobram desolação e vazio. O poeta vê a cidade de Londres como “unreal city”, ou seja, uma cidade irreal que, como demonstra Kathrin H. Rosenfield, é o que sobrou da *polis* quando os herdeiros da racionalidade capitalista, dos banqueiros, comerciantes e agentes burocráticos e financeiros se apoderaram dos destinos da cidade. (ROSENFELD, 1996, p. 79-80). O poeta reverbera seu olhar crítico, afirmando:

Cidade irreal,
Sob a fulva neblina de uma aurora de inverno,
Fluía a multidão pela Ponte de Londres, eram
tantos,
Jamais pensei que a morte a tantos destruía.
Breves e entrecortados, os suspiros exalavam,
E cada homem fincava o olhar adiante de seus pés.

A cidade é irreal porque se torna uma intrincada teia de sentidos desconstruídos e em desarmonia, cuja lógica foge à percepção imediata. Inóspito cenário de multidão e solidão,

diferenças, interesses e linguagens, a urbe moderna encarna o emblema da mítica Babel e se apresenta como problemática esfinge; ilegível e indecifrável.

A cidade “ilegível” é, no entanto, o grande desafio para o poeta, que, paradoxalmente, tentará traduzir e reinscrever sua condição em imagens e palavras. De fato, as metrópoles contemporâneas se confundem com a imagem da mítica urbe babélica. O seu usuário e transeunte têm dificuldade de situar-se nelas, de reconhecê-las, mapeá-las e compreendê-las, tal é o emaranhado de signos que compõem a tessitura de seu território físico e simbólico. A poesia urbana é uma resposta a esse fenômeno da cultura humana moderna e contemporânea.

A poesia brasileira, através dos poetas que incorporaram a linguagem e estética modernas à nossa literatura e, mais adiante, deram-lhe continuidade através de suas diversas vertentes, trazem marcas agudas da temática urbana. Desde o seu surgimento e consolidação como tema fundamental da poesia, a metrópole vem inspirando e desafiando os poetas a decifrá-la, a desvendá-la e a transmutá-la em linguagem e imagens poéticas.

O primeiro poeta brasileiro a tematizar a cidade moderna foi Mário de Andrade. Atento às experimentações das vanguardas e impressionado com as cidades tentaculares de Émile Verhaeren, o poeta paulista concebeu um projeto de traduzir São Paulo em imagens de uma escrita poética. Desde **Paulicéia desvairada** (1922), em sua obra encontram-se poemas nos quais preponderam as observações líricas sobre a vida urbana, suas circunstâncias e vicissitudes cotidianas, transfiguradas pelo ponto de vista crítico do poeta atento às questões da modernidade.

Mais adiante, em poetas como Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo e, ainda hoje, Ferreira Gullar, observa-se a preocupação constante com temas da vida urbana, em seus aspectos intrínsecos à existência do homem no intrincado labirinto da cidade que se vai transformando e impondo rápidas mudanças na forma como os indivíduos participam do seu processo.

Os poetas contemporâneos, conscientes e continuadores dessa vertente da poesia ocidental, estendem seu olhar crítico

sobre a vida urbana, para transubstanciar em seu texto os feixes de contradições que regem a lógica cotidiana e as relações entre os indivíduos. Nos seus poemas, percebe-se um estado de permanente tensão em face dos valores urbanos e seus diferentes aspectos. Os discursos poéticos transitam entre extremos, de forma dinâmica, pendendo dialeticamente entre a aceitação e a recusa dos valores modernos. Portanto, momentos de crença e de descrença nesses valores se alternam, pessimismo, ironia e entusiasmo dividem espaços ou se chocam nos diversos textos que exprimem a cidade em processo. Diante desses procedimentos, observa-se que o poeta aproxima-se e distancia-se metaforicamente da cidade, num movimento de constante recusa e retorno, em tom irônico e afetivo. O poeta está consciente de seu irrecusável estatuto de intérprete da vida urbana, embora sentindo diante dela um mal-estar sem remissão. Angústia e esperança, utopia e realidade constituem forças motivadoras que ele maneja nesse espaço possível da sua experiência de vida e de sua sobrevivência. Assim, os poetas contemporâneos exorcizam a urbe indômita, tentando ler o seu emaranhado de signos.

Roberval Pereyr (1953) apresenta a cidade como *locus* problemático de seu ofício lírico, num poema marcado pela ironia corrosiva e pela consciência trágica diante do cotidiano urbano (PEREYR, 2006, p. 156):

Ofício

Cidade: monstro de egos.
Sou um geógrafo de cegos
um terapeuta de gagos.

Na noite dos mil mendigos
inscrevo a noite dos signos
num círculo de mil saaras.

Da imensa mansão de sombras
(sob o roteiro das bombas)
recorto o mapa dos párias.

O título do poema, “Ofício”, indica a perspectiva adotada pelo poeta. Se seu ofício é escrever o poema, tal ato significa produzir um discurso que leia, decifre e escreva a cidade. E ele descreve a cidade como “monstro de egos”. Reverbera aqui a imagem fundadora de Eliot, “os homens ocos”, que agora são vistos como cegos e gogos, ou seja, seres que perderam o poder do olhar e da voz. Dissolvidos na massa excluída, nada vêem e nada dizem. Ironicamente, o poeta é o geógrafo que orientará os cegos e gogos, e o terapeuta que cuidará deles, através da palavra, seu *pharmako* essencial. Como alguém que prega no deserto multiplicado, ou seja, em mil saaras, seu ofício reporta-se à missão de um Sísifo urbano, uma vez que ele fala “na noite” para “mil mendigos”, cegos e mudos, recorrendo – com seu discurso –, o “mapa dos párias”, ou seja, o espaço dos excluídos sociais. Enfim, na cidade monstruosa da grande engrenagem material, o poeta prega no deserto para homens cegos e mudos. Mas, ainda assim, sua palavra provém de uma missão indispensável, porque ele se propõe a orientar e a curar os seres urbanos.

A idéia da cidade como corpo monstruoso que devora os seres é moderna. Em *Paulicéia desvairada*, Mário de Andrade vê a cidade como hipérbole do absurdo: uma “*boca de mil dentes*”, “*língua trissulca de pus e mais pus de distinção*”, versos que a projetam como um espaço monstruoso que engole — e tritura — os “*homens fracos, baixos, magros*”, considerados “*serpentinhas de entes frementes*”.¹ Essas imagens transmitem a idéia de que o ser urbano torna-se impotente a se locomover em fileiras anônimas e teleguiadas que apenas *funcionam* na engrenagem do cotidiano. Mais tarde, no poema “Rua” (1961), Guilherme de Almeida retoma a imagem da cidade-monstro, em que a rua mastiga, deglute, digere e dejecta a multidão de seres, em cujo meio nivelam-se o poeta, o agiota, o larápio, o bêbado e o sábio (ALMEIDA, 1982, p. 87).

Com ironia e humor, o poeta Carlos Queiroz Telles (1936-1993) reatualiza a imagem da cidade devoradora, no seguinte poema (GUEDES, 2004, p.35):

O Cardápio
A cidade está com sede,

a cidade está com fome.
Ferro, árvore, gente
De tudo a cidade come.

Como quem é consumido
e também a quem consome,
come terra, come espaço,
a cidade está com fome.

Para servir a cidade
estamos todos na mesa:
alguns à moda da casa.

Outros à milanesa.
Os mais velhos vão na frente,
os moços na sobremesa.

Neste poema alegórico, a cidade é figurada como um ser vivo que tem sede e fome e se alimenta vorazmente dos habitantes que a servem. Os seres urbanos são consumidos, uma vez que se desgastam, para alimentar a expansão da cidade, que, em seu insaciável processo de crescimento, devora tudo: ferro, árvore, terra, espaço e sobretudo gente.

O poeta Donizete Galvão (1955), projeta uma relação estrita entre a cidade e o ser urbano, mas numa relação de consumo destrutivo. A urbe contamina e subsume o corpo do indivíduo, aprisionando-o em suas entranhas doentias. Afirma o poeta (GUEDES, 2004, p.55):

A cidade no corpo

A cidade perfura
o corpo
até a medula.
Contamina os ossos
com seus crimes.
Bica o fígado,
pesa sobre os rins.
Imprime seu labirinto de cinzas
na árvores dos pulmões.

A cidade finca raízes
no espaço das clavículas.
Esta cidade: minha cela.
Habita em mim
Sem que eu habite nela.

Já Dalila Teles Veras, poeta de origem portuguesa, radicada em São Paulo há muitos anos, faz uma leitura lírica da grande cidade-mãe pelo signo das dores acumuladas, no sufocante processo de acomodação de suas diferenças e abismos (GUEDES, 2004, p.53):

São Paulo

Metrópole sem ar
pernas abertas
ao sol de néon
acoberta e ignora
sufoca e abriga
seus filhos (cidadãos e bandidos)
em grande estilo de mãe piedosa

A dor em São Paulo é guardada em potes
(como faziam as mães com as compotas)
dia virá, o grito certo
cuidará de abrir os vidros:
sabores a descoberto.

Como antevê a poeta, um dia chegará, se é que já não chegou, quando os vidros que acomodam as dores acumuladas serão rompidos por um grito certo, e virão á tona como sabores a descoberto, num cenário de crise e talvez propício à transformação.

Álvaro Alves de Faria (1942) expõe um eu lírico mergulhado no enigma da urbe e que, perplexo, põe para si o dilema, diante dos limites entre a desistência e a acomodação (Guedes, 2004, p.23):

Exposição de motivos

O problema é que em São Paulo
eu me deparo com o seguinte

problema é que em São Paulo
 eu me debato com o problema
 seguinte ao que passo a expor:
 não sei o que é,
 mas a vida machuca
 neste quarto mal iluminado
 e eu não sei se devo dormir
 ou me suicidar.

No poema de Miguel Sanches Neto (1965) o eu lírico urbano desenvolve um exercício de compreensão, para se situar, com consciência de sua condição, à margem do caos urbano, numa espécie de abrigo existencial. Assim, explica-se no poema (Sanches Neto, 2006, p. 129-130):

MARGENS

Por não saber ouvir música
 aprendi a ver o vazio dos búzios.
 A cidade acelera
 seu motor absurdo
 e aqui, neste pequeno quarto,
 vivo entre elementos mudos.

Um carro grita sua dor metálica
 num ranger de dentes engrenados,
 crianças alegres uivam no parque
 e só as palavras dos livros sussuram
 em sintonia com os olhos cansados.

Tristes olhos surdos
 a todos os sons potentes,
 tirando do deserto acústico
 seu difícil sustento.

Não consigo ouvir música
 a dor de meu próximo,
 o apelo diário dos pássaros
 nem a palavra enérgica de Deus
 dispersa pelos aparelhos de rádio.

Não tenho tímpanos nas córneas
e só me deixam os olhos,
olhos que ainda flagram
essa fragrância discreta
de um silêncio sem margens.

A cidade tem a face irrevelada da esfinge e encerra mistérios que desafiam o poeta e sua poesia a decifrá-la. Luiz Ruffato (1961), no canto IV do poema “As máscaras singulares”, demonstra que a busca fundamental do poeta contemporâneo não é mais a decifração do enigma, mas sim o diálogo com os sentidos de seu mistério. Assim, suplica o poeta (RUFFATO, 2002, p. 42):

IV
Esfinge, decifra-me desta cidade
o mistério. De Níobe, minha mãe,
um coração de pedra herdei. E
de meu pai, o capacete de Treva.
Invisível, por mil noites arrastaram-se
meus pés e agora advém a fadiga. Sequer
avoengas máscaras singulares deparei.
Oh! Devora-me, devora-me, pois o enigma
decifrar é a punhal fender meu peito.

Assim se Em cada poeta ergue-se uma cidade, como *locus* de origem, vivências, desejos e sonhos. Ao mesmo tempo reais e imaginárias, elas são construídas de memória, de projeções e de palavras. Invisível em sua longa jornada, o poeta está cansado e, portanto, pede clemência à esfinge. A cidade, vária, indomável, ilegível e indizível, esgota o seu discurso e a sua capacidade de interpretá-la. Soberana, com sua malha inextrincável de signos, ela a tem a seus pés. E o poeta implora que a esfinge decifre a cidade. E que, enfim, o devore, como monstro de símbolos, pois para ele, voz intrínseca ao mistério urbano, decifrar o enigma é cravar o punhal no próprio peito.

THE ILLEGIBLE CITIES AND THEIR READING BY CONTEMPORARY POETS

All the contemporary metropolis mingle with the mythical image of Babel. Before the city in constant movement, the signs of poetry would not come from remembrance or from a personal animic appeal anymore, but from the street noises, as living matter captured mostly by the eyes. This article approaches some aspects of this theme, showing how the illegible city is the great challenge for the contemporary poet who paradoxically tries to translate and reinscribe his lyrical condition through urban words and images.

KEY WORDS: *City. Poetry. Urban.*

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme de. **Textos escolhidos**. Sel., not., est. Frederico O. P. de Barros. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 87.

BAUDELAIRE. "A Arsène Houssaye". In: _____. **Pequenos poemas em prosa**. Lisboa: Athena, [s.d.]. p. 10.

ELIOT, T.S. Poesia. Trad. int. e no. de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

GUEDES, Luiz Roberto (Org.). **Paixão por São Paulo**. Antologia poética paulistana. São Paulo: Terceiro nome, 2004.

HYDE, G.M. "A poesia da cidade." In: BRADBURY, Malcolm, MCFARLANE, James (orgs.). **Modernismo**: guia geral. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 275.

PEREYR, Roberval. In: **Poesia sempre**. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, n. 24, ano 13, 2006.

ROSENFELD, Kathrin H. "Waste Land ou Babel. A gramática do caos". In: _____. (Org.). **T.S. Eliot & Charles Baudelaire**. Poesia em tempo de prosa. São Paulo: Iluminuras, FAPERGS, 1996. p. 79-80.

RUFFATO, Luiz. **As máscaras singulares**. São Paulo: Boitempo, 2002.

SANCHES NETO, Miguel. **Pisador de horizontes**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2006.

Sitientibus, Feira de Santana, n. 40, p.59-68, jan./jun. 2009